

“Oriundis” e descendentes comemoram amanhã

100 anos da imigração italiana

“ORIUNDIS” e descendentes comemoram amanhã 100 anos da imigração italiana. Correio Popular, Campinas, 10 out. 1982.

Amanhã, 11 de outubro, a colônia italiana de Campinas estará comemorando o centenário de imigração de trabalhadores “oriundi” que pela primeira vez pisaram em solo paulista no ano de 1882, quando chegaram através de navio no porto de Santos. Um acontecimento que influenciou profundamente a cultura brasileira. Tanto nos hábitos, como na política, no direito, nas artes e no trabalho.

A história da imigração italiana não se localiza apenas na simples vinda de trabalhadores — em sua maioria camponeses e lavradores — para o Brasil. Motivos diversos os levaram a deixar sua terra natal para buscar em outros países — principalmente no continente americano — América do Norte e do Sul — uma vida melhor. A Itália, em meados do século XIX se ressentia das guerras napoleônicas e das brigas internas pela sua unificação. No final daquele período, a industrialização passou a ameaçar também a mão-de-obra que via nas máquinas o grande inimigo destinado a tirar-lhes as fontes de sobrevivência.

Somente entre os anos de 1846 e 1932 mais de 10 milhões de italianos deixaram seu país em busca de outras terras promissoras. No Estado de São Paulo, entre os anos de 1877 e 1914 chegaram quase que 10% do total de imigrantes, totalizando 845.816 “oriundis” que vieram aqui trabalhar. Além deles, vieram para cá outros 183.726 passageiros de primeira e segunda classes de navios. Deve-se notar que os imigrantes eram trabalhadores que viajavam gratuitamente. Um acordo italo-brasileiro com finalidades de trazer ao Bra-

sil mão-de-obra que havia em demasia na Itália, proporcionava aos desempregados daquele país viajarem com passes fornecidos pelos governos. Já os passageiros de primeira e segunda classes viajavam por conta própria.

Os viajantes vinham para o Brasil a fim de encontrar trabalho que na Itália estava ficando raro. Tanto os imigrantes do Norte, especializados em manufaturados (sapateiros, pintores, padeiros), como do Sul, que se ligavam mais à industrialização, chegaram aqui para, principalmente, se dedicar ou à lavoura, ou ao comércio ou então a serviços de manufatura.

Escravos

Na região de Campinas, o café era produto predominante. As grandes fazendas das famílias tradicionais empregavam os imigrantes, substituindo-os à mão-de-obra escrava. No final do século passado, pouco antes da libertação dos escravos os latifundiários preferiram empregar trabalhadores de países europeus e asiáticos que aqui chegavam, em vez de africanos negros. Os acordos que o governo brasileiro começava a fazer então, com finalidade de substituir a escravidão pelo trabalhador remunerado, com outros países buscava atender reivindicações dos proprietários de cafezais. Isto porque comprar escravos da África era muito caro. A Inglaterra já atacava navios negreiros e a perda deles era constante. Assim aos imigrantes ficava mais fácil entrar no Brasil e conseguirem emprego devido a suas experiências no país de origem. O escravo que ainda trabalhava forçosamente aguardava sua libertação que veio em 1888.



De Veneza para Campinas

A história da família Ággio — uma das primeiras a chegar em Campinas, no ano de 1886 — é cheia de idas e voltas. Naquele fim de século, Pietro Ággio embarca em Veneza com destino ao Brasil. Imigrante favorecido pela lei da imigração, desembarca no porto de Santos e busca emprego na pequena Vila de Sousas. Naquela época, o atual distrito pertencente a Campinas, vivia das fazendas de café e seus proprietários aristocratas. Pietro consegue emprego na lavoura cafeeira. Com sua esposa, tem o filho Luigi. Depois de alguns anos trabalhando volta para rever a querida Itália antes que tivesse início a 1ª Guerra Mundial. Seu filho Luigi vai junto. Mas, em 1951, após participar de duas guerras — a de 1914 e 1940 — vem para o Brasil com três dos cinco filhos que tinha. Chega em Campinas, também, com Adriano, Giuliano e Felicci. Faziam parte do último grupo de imigrantes favorecidos pelo acordo italo-brasileiro. Com eles, 70 famílias vieram juntas. Mas, só os Ággios ficaram. “Nós tivemos fé. Por isso ficamos”, conta Giuliano com seu forte sotaque italiano, mesmo vivendo no Brasil há 31 anos. As outras famílias preferiram voltar, pois encontraram muitas dificuldades de adaptação.

Hoje, os Ággios são proprietários de uma das principais indústrias de calçados do País: a Vêneta. Com Giuliano trabalham Dante, irmão mais velho Adriano e Felicci. Ainda há a irmã Juliana, residente em São Paulo. Giuliano ao contar o início da sua vida no Brasil, fala das dificuldades e da colaboração dos irmãos Felicci e Adriano com a pequena indústria de sapatos que tinha início naquela época. Ele era o sapateiro especializado, que aprendeu seu ofício em Veneto, ou Veneza, como é mais conhecida pelos brasileiros.

Enquanto Giuliano martelava pregos no couro curtido, Felicci executava serviços de pintura em construções. Adriano possuía até dois empre-

gos: enfermeiro e garçom. Porém, ambos sempre destinavam pequena parte de seus salários à sapataria onde o irmão trabalhava. Esse capital cresceu e puderam aumentar a capacidade produtiva na pequena fábrica. Em 1960, Dante, o mais velho, retorna ao Brasil para se juntar aos irmãos. Deixara o pai, Luigi na Itália, para onde tinha ido em 1957 ficando os filhos aqui. O primogênito logo que chega a Campinas já se associa ao trabalho da família. De lá para cá, a pequena sapataria Vêneta cresceu e hoje os quatro são sócios de uma das principais indústrias de calçados da região. Empresa que exportou sapatos pela primeira vez em 1970, tornando-se pioneira no Brasil na venda de calçados para o exterior.

A história da família Ággio se confunde com a de muitas outras que vieram para o Brasil trabalhar. Em busca da sobrevivência, os italianos formaram riquezas do nada. Apenas entregando seus braços ao trabalho. Atualmente, fortunas envolvendo grandes empresas estão nas mãos de “oriundis” ou descendentes daqueles trabalhadores que embarcaram no final do século passado nos portos italianos apenas com malas contendo poucos pertences e muita vontade de melhorar suas vidas.



Giuliano Ággio

Tradição, comida e arte

Calcula-se que atualmente há em Campinas mais de 360 famílias de descendentes e “oriundis” italianos. Elas comemorarão amanhã, na Fonte Santa Teresa, em Valinhos, os festejos do centenário da imigração italiana. Com danças, comidas e bebidas típicas da Itália, lembrarão sua cultura e a vinda dos primeiros trabalhadores das mais diversas regiões da Itália. Desde o norte — Verona, Veneza, Milano — passando pela zona central — Roma, Firenze, Toscana — até o sul do país — Nápoles, Calábria e Sicília. Sem deixar de mencionar as ilhas de Sardenha e Córsega.

Atualmente, Campinas ainda abriga trabalhadores que possuem carteiras de trabalho emitidas na própria Itália. Segundo registros do vice-consulado da Itália em Campinas, cerca de 750 “oriundis” recebem aposentadoria do governo italiano, mas residem aqui.

Além disso, o comércio e a indústria do município e da região estão nas mãos de muitos descendentes. Grandes, pequenas e médias indústrias ou lojas

mantêm em suas fachadas ou razões sociais, sobrenomes como Smanio, Franceschini, Ággio, Righeto, Campagnone, Guernelli, Argenton e muitos outros.

Artes

Porém, a Itália não trouxe para o Brasil somente trabalhadores. Também artistas. A tradicional cultura italiana, carregada de grandes poetas como Dante, pintores como De Chirico, Raphael, Fra Lippo Lippi e muitos outros, deixou em Campinas artistas como Bernardo Caro, Thomas Perina, Lellio Coluccini e Aldo Cardarelli. Em São Paulo, temos Volpi. Na direção do Museu de Arte de São Paulo está um dos mais importantes conhecedores das artes plásticas: Pietro Maria Bardi, convidado por Assis Chateaubriand para organizar o Masp.

A Itália tem profundos laços de amizades e relacionamento político/social com o Brasil. A maior prova disto está nesses nomes que aqui residem e hoje integram a comunidade brasileira.

32762 F2

"ORIUNDIS" e descendentes comemoram amanhã 100 anos da imigração italiana. Correio Popular, Campinas, 10 out. 1982.



Ao centro, o professor de música Emilio Giorgetti, que durante anos lecionou música para suas alunas de Campinas

"Circolo Italiani Uniti"

A Casa de Saúde de Campinas é considerada um dos mais importantes hospitais da cidade. Com seu prédio construído atrás da igreja de São Benedito, ali muitos italianos dedicaram parte de suas vidas. Antes de ter esse nome, ela era conhecida como "Circolo Italiani Uniti".

No Brasil, os italianos enfrentavam as dificuldades da adaptação como qualquer cultura tem para se integrar a outra. Por isso, se reuniam em associações onde podiam se identificar com maior facilidade. Luís Cenin, em seu livro, "Imigração Italiana no Brasil" conta na página 247: "As origens de quase todas as sociedades italianas que se formaram no Brasil são bastante parecidas: certo dia um emigrado, ou um pequeno número deles, resolve convocar uma assembléia mais ou menos numerosa; são estabelecidas as linhas gerais de ação, quase sempre assistencial ou recreativa; é escolhido um nome e trata-se de juntar dinheiro para realizar aquilo que sempre constitui a aspiração destes grêmios: a sede própria. Sedes próprias de sociedade italianas existiram nas cidades mais importantes e em lugarejos quase desconhecidos onde, com o mesmo amor, era guardados, ao lado de grandes oleografias que representavam o rei, a rainha ou os príncipes, os estandartes tricolores".

"Não diferente foi a história da fundação, em Campinas, no ano de 1881, do "Circolo Italiani Uniti". Attilio Bucci, até hoje lembrado naquela

cidade como "patrioti sognatare", venceu todos os obstáculos iniciais, realizou uma assembléia no teatro São Carlos e as atividades foram reconhecidas, três anos depois, pela Prefeitura que doava um vasto terreno a fim de que nele fosse construída a sede própria. Em 1884, a 20 de setembro, era colocada a primeira pedra do edifício numa praça existente atrás da igreja de São Benedito, que foi chamada Anita Garibaldi. Em menos de dois anos, os italianos de Campinas realizavam seu sonho, iniciando uma intensa atividade não somente recreativa, mas também instrutiva, pois quatro salas do edifício foram destinadas ao ensino primário em língua italiana, que contava com grande número de alunos".

Febre amarela

Mas, o "Circolo Italiani Uniti" estava mesmo destinado a servir aos doentes e não apenas às atividades educacionais-recreativas. No mesmo livro, Cenin história: "Mas em 1889 houve uma aterradora epidemia de febre amarela que obrigou a população a deixar quase deserta a cidade, fugindo do mal que provocava grande número de mortes. Os que permaneceram procuraram enfrentar a situação e as instalações do "Circolo" transformaram-se em hospital de isolamento, abrigando grande número de doentes". Mais tarde, a associação passa a se dedicar aos doentes vindo a se transformar num dos mais importantes da região.



Até dinheiro foi cunhado para uso dos imigrantes. O Banco Italo-Brasileiro foi responsável pela emissão do "Il Dolaro Per La Patria", que serviu de moeda durante alguns anos para os "oriundis"